

RECATEGORIZAÇÃO E REFERÊNCIA EM NARRATIVAS ORAIS POPULARES DA AMAZÔNIA: IMPLICAÇÕES SOCIOCOGNITIVAS E COGNITIVOCULTURAIS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO TEXTUAL

Heliud Luis Maia MOURA¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo acerca de Recategorização e Referência em Narrativas Oraís Populares da Amazônia, tendo em conta implicações sociocognitivas e cognitivoculturais dentro do processo de construção textual. Nessa perspectiva, tomando por base as concepções teóricas da Lingüística Textual, principalmente as formalizadas e discutidas por Koch, assim como as teorias preconizadas por Tomasello (2003), no âmbito da cognição; e as concepções de Bauman (1997), o presente estudo chama a atenção para interferência de fatores cognitivo-discursivos quando da construção de narrativas orais populares; no caso específico, desta análise, de uma narrativa de Boto, na qual os fenômenos da referência e da recategorização estão atrelados a aspectos sociocognitivos e cognitivoculturais, demandando aí modificações ou transformações no que se refere à construção dessa utilidade mítica dentro do contexto amazônico.

Palavras-chave: Referência; Sociocognição; Recategorização; Lingüística Textual.

ABSTRACT: This paper aims to present a study about Recategorization and Reference in Oral Narratives rated the Amazon, taking into account, cognitive and socio-cognitive implications in the process of textual construction. From this perspective, based on the theoretical concepts of Textlinguistics, especially formalized and discussed by Koch, and theories proposed by Tomasello (2003), as part of cognition, and the ideas of Bauman (1997), this study draws attention to interference from cognitive-discursive factors in the construction of oral narratives popular, in the particular case of this analysis, a narrative of Dolphin, in which the phenomena of reference and categorization are linked to cognitive aspects, cognitive and demanding changes there or changes as regards the construction of utility within the mythical Amazonian context.

Keywords: Reference; Sociocognition; Recategorization; Textlinguistics.

1. Introdução

Este trabalho objetiva apresentar um estudo sobre *Recategorização e Referência em Narrativas Oraís Populares da Amazônia: implicações sociocognitivas e cognitivoculturais no processo de construção textual*. Tendo por base os construtos teórico-metodológicos da Lingüística Textual discutidos por Koch (1991), Koch (1997), Koch (2001), Koch (2005), Koch (2006), Koch (2006b), Koch (2008), Marcuschi (2006), Marcuschi (2007) e Marcuschi

¹ Doutorando em Lingüística do Programa de Pós-Graduação em Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas (SP). Bolsista da CAPES. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Anna Christina Bentes.

(2008), assim como pelas concepções de Tomasello (2003), Bauman (1997) dentre outros autores ligados às ciências cognitivas e aos estudos culturais, as análises em curso têm evidenciado que as narrativas, objetivo do presente trabalho, estão ancoradas em fatores sociocognitivos de natureza cultural, manifestando-se direta ou indiretamente na materialidade lingüística dessas instâncias enunciativas. No âmbito da Lingüística Textual, Koch (2001) afirma que a referenciação constitui uma atividade cognitivo-discursiva e interacional, implementada por sujeitos sociais no quadro de todo um conjunto de intervenientes de natureza também social. Nessa perspectiva, os “referentes” não são “coisas” do mundo real ou puramente factual, mas objetos de discurso, construídos no decorrer da citada atividade lingüística. Nesse sentido, Koch (Op.Cit.) chama a atenção para o fato de que, na reativação de referentes textuais, a seleção dos elementos lingüísticos exerce um papel significativo no processo de textualização. Isto envolve procedimentos de (re)categorização desses referentes, diretamente conectados com a natureza da atividade sociocognitiva e com as formas através das quais essa atividade se concretiza em termos pragmáticos e interacionais.

Para Marcuschi (2006), operações de enquadre, textualização e referenciação têm a propriedade de determinar domínios referenciais conduzidos lexicalmente ou discursivamente para construir configurações mais gerais, ultrapassando-se a simples coesão pelo encadeamento de elementos linearizados, seja por processos anafóricos ou outras de ligações seqüenciais locais, gerando formações mais amplas e de longo alcance. De acordo com Tomasello (2003), podemos conceber a recategorização e a referência como partes integrantes do sistema cognitivo-simbólico-cultural implementado no transcurso de práticas historicamente situadas. Assim, “no transcurso do tempo histórico, os seres humanos criaram em colaboração [...] um conglomerado de perspectivas e interpretações categorias sobre todo tipo de objetos, eventos e relações, e as incorporaram em seus sistemas de comunicação simbólica chamados de linguagem” (Tomasello, 2003, p.237).

O corpus da pesquisa é constituído de 100 (cem) narrativas orais, coletadas em 5 (cinco) comunidades rurais do interior do Pará e versam sobre as seguintes entidades míticas: boto, cobra grande, matintaperera, curupira e jurupari. Os informantes são, predominantemente, pessoas de mais de 50 anos e residem, desde que nasceram, nas localidades nas quais a coleta tem sido realizada. A partir das hipóteses iniciais e das análises prévias ainda em curso, é possível verificar diferenças na construção da referência dessas

entidades, o que vem implicar também diversos modos de categorizá-las, levando em conta os domínios referencial-culturais em jogo nessas narrativas.

2. Bases Teóricas

2.1. Referenciação

Segundo Koch (2006), a referenciação constitui uma atividade de natureza discursiva. O sujeito, no momento da interação verbal, opera com o material lingüístico de que dispõe, implementando escolhas significativas para representar elementos do mundo biossocial, com o objetivo de colocar em curso sua proposta de sentido. Assim, “os processos de referenciação são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer” (Koch, 2006, p.61). Para a autora in cito, os objetos-de-discurso não se imiscuem com a realidade extra-lingüística, mas (re)constroem essa realidade no processo dinâmico e imprevisível da interação. Em outras palavras, o mundo real/factual é construído, mantido ou transmutado não apenas pela forma como o nomeamos, mas, sobretudo, pelas inúmeras maneiras como interagimos sociocognitivamente com ele. Desse modo, interpretamos e construímos nossos mundos através das relações simbólicas que estabelecemos com o entorno físico, social e cultural.

2.2. Referência e Recategorização

Em termos de domínios de referência e (re)categorização, as entidades míticas em estudo indiciam ou expressam as relações sociais específicas das comunidades das quais as narrativas foram extraídas. Tais relações são reguladas por convenções culturais mais ou menos estabilizadas, no entanto, tais convenções nem sempre se expressam diretamente através das interações quotidianas, mas podem ser visibilizadas em nível de materialidade lingüística nas histórias em análise, seja por indiciamento lexical, por processos de metaforização, como por subtendidos ou mecanismos metonímicos ou meronímicos. Assim, as narrativas em estudo podem ser interpretadas como instâncias ou espaços textual-discursivos por meio dos quais é possível compreender: conceitos, preconceitos, formas de pensar e agir, protótipos, estereótipos, enquadres sociais e determinados footings, que têm como propriedade o fato de manifestarem as formas pelas quais uma cultura existe enquanto tal. As narrativas sob investigação não são, portanto, meros artefatos textuais, pois constituem instâncias culturais e discursivas que encampam diferentes valores ligados às diferentes interações existentes numa sociedade.

Segundo Marcuschi, a questão da categorização se centra “na tese de que não existem categorias naturais porque não existe um mundo naturalmente categorizado” (Marcuschi, 2007, p.89). Logo, de acordo com essa posição, a realidade dita mundana não está construída da maneira como a concebemos e as coisas não se situam no mundo como as explicitamos a outrem. Nesse sentido, afirma ainda Marcuschi:

As coisas ditas são coisas discursivamente construídas e a maioria de nossos referentes são “objetos do discurso”[...] O mundo da experiência sensorial simplesmente não tem uma face externa diretamente palpável, seja aos nossos sentidos ou diretamente palpável, seja aos nossos sentidos ou às nossas teorias. Toda nossa expressão do mundo é uma articulação inferencial na base de categorias ou conceitos (Marcuschi, 2007, p.89).

Tendo como alicerce o que nos propõe o autor in cito, posso defender a idéia de que a prática da (re)categorização envolve construções discursivas imersas em ações de linguagem socialmente situadas, as quais também encampam diferentes estratégias inferenciais no que concerne à “elaboração” de conceitos e modos de encarar as relações a partir das quais esses conceitos são valorados, (re)categorizados e (re)avaliados nas diferentes instâncias da arena social, com *ativação* e *re-ativação* de sentidos advindos dessas relações simbólicas, que se transmutam ou se modificam no decorrer da História.

Marcuschi reitera também que a construção de conhecimentos não equivale à construção de retratos da natureza ou do mundo e sim implica a implementação de estratégias semântico-discursivas e interacionais no modo de tratar a natureza e o mundo. Logo, o conhecimento acerca do mundo é uma fabricação elaborada socialmente, para a qual são convocadas atividades coletivas nas quais os sentidos são simbolicamente mediados pela linguagem, estando aí presentificados mecanismos textuais mais ou menos estabilizados que extrapolam à mera situação comunicativa mais imediata ou estrita, o que vem se contrapor às concepções perpetradas pelos pragmaticistas e etnomedólogos ortodoxos.

2.3. *Construção da Referência e das Categorias no Contexto da Cultura*

Embora a construção da referência e das categorias se dê pela mediação simbólica com o lingüístico, materializando-se através de mecanismos lexicais, metafóricos, metonímicos, meronímicos, de contraposição, analogia e de associações as mais diversas, tais mecanismos, por si sós, não dão conta da construção da referência e da categorização, já que estas estão ancoradas intrinsecamente nas ações sociais e culturais. De modo que estas últimas

demarcam ou delineiam as maneiras como as formas lingüísticas se constituem nos vários processos relativos à construção dos textos falados e escritos, sendo estes tão somente uma espécie de resultado dessas práticas culturais, que, não sendo monolíticas e sempre recursivas, compreendem um conjunto multidiferenciado de fenômenos, quando se tem em conta os mais diferentes recursos dos quais nos valem para a produção de sentido nas mais variadas interações na vida quotidiana. Com base nesse pressuposto, Marcuschi afirma que:

A língua é, assim, uma fonte de possibilidade de trabalhar e retrabalhar as versões públicas do mundo. Uma visão praxeológica e interacionista da língua não analisa as formas *per se*, mas as vê emergindo como fontes para as interações. Importam menos as representações como tal e mais as atividades descritivas dos locutores. Na tentativa de evitar a reificação das representações e das formas usadas para tanto, deve-se observar o funcionamento dessas formas em seus contextos de uso situados. Trata-se de observar o que os locutores fazem e como agem para construir um mundo público em sistema de co-produção discursiva (Marcuschi, 2007, p. 141).

Frente ao exposto, acredito numa contínua modificação na maneira como as formas lingüísticas são usadas, não como objetos reificados, mas como unidades simbólicas veiculadoras de significados ligados a práticas discursivas muito específicas, as quais estão autorizadas por um conglomerado de valores também muito particulares de uma determinada cultura.

Ao se referir à noção de contexto, Koch (2006), baseada nas concepções de Sperber & Wilson (1986), afirma que uma proposição é relevante não apenas em relação ao discurso, mas, sobretudo ao contexto, isto é, em relação a uma cadeia de proposições ou hipóteses advindas não somente do discurso antecedente, mas também da memória, das formas de percepção do entorno, por meio de inferências. Em outras palavras, a informação constitui-se como relevante para alguém quando esta se conecta com suas suposições prévias acerca do mundo, quando tem efeitos de natureza contextual em dado contexto que se configura como acessível para esse sujeito.

Na esteira dos postulados de Bauman (1997), compreendendo-se a relação texto/cultura, o contexto é entendido como um recurso convencional, normativo, ancorado em estruturas institucionais, estruturas de eventos ou em padrões gerais de significados culturais ou psicológicos e em direção a processos de contextualização nos quais os indivíduos situam o que eles fazem dentro de redes interrelação e associação em termos de atos de produção social expressivas.

2.4. Referenciação, Contexto e Frame

No âmbito da conexão entre referenciação, contexto e frame, é possível postular que os processos carreados na construção de referentes estão associados à construção social do contexto, incluindo-se, aí, os diversos instrumentos por meio dos quais tal contexto se constitui para os que estão inseridos nele. Em termos de linguagem, prevê-se a mediação desta no que diz respeito à construção de objetos de discurso, de modo que o contexto faz e produz sentido para os que dele fazem parte e que, ao mesmo tempo, são constituídos nele e para ele em termos de relações sociais. Assim, o contexto, constituído em linguagem, faz sentido para as pessoas que *inter-agem* de diversas maneiras nos mais diferenciados espaços e instâncias de um dado campo social. Portanto, a construção de referentes e sua (re)categorização estão atreladas às formas de gerenciamento dos sentidos num dado contexto, o que implica processos históricos de mobilidade, instabilidade e transmutação no que diz respeito à construção de conceitos e ao modo de lidar com estes dentro de práticas sociais e culturais específicas.

Para Tomasello (2003), a natureza intersubjetiva dos símbolos lingüísticos humanos remete ao fato de que eles são socialmente “compartilhados”² de uma forma que os sinais usados pelos animais não são, e isto constitui a matriz pragmática através da qual muitos processos de inferência sobre as intenções comunicativas dos outros podem ser realizados – visto que eles optam por um símbolo e não por outro, o qual eles também compartilham com seu interlocutor. Desse modo, estratégias de (re)categorização implicam movimentos de sentidos conjugados a ações sociais em jogo, nas quais determinados conceitos são ativados ou reativados, prestando-se a certos propósitos comunicativos, em sua relação direta com as formas de “condução” da atividade interacional, entendendo-se esta como contextualmente situada e na interseção com os fatores culturais.

Olhando por esse ângulo, a minha hipótese reside nas seguintes questões: (i) até que ponto as formas de (re)categorização de referentes na narrativa em análise (no caso a lenda do boto) podem ser entendidas a partir do próprio cotexto?, (ii) quais as formas de gerenciamento do tópico discursivo levando em conta essas diferentes (re)categorizações?, (ii) até que ponto restrições impostas pelo gênero constroem as formas através das quais essas (re)categorizações se estabelecem?, (iv) qual o contributo dos enquadres sociais e frames para

² Aspas do autor

a construção do referente e de suas recategorizações no espaço textual?, (v) como entender esse referente e suas recategorizações nos textos narrativos em análise sem ter como “pano de fundo” esses enquadres sociais e culturais?, (vi) em que medida certas nomeações do referente (como, por exemplo, boto) dão conta de certas características desse ente, tendo em conta as diferentes formas por meio das quais ele pode ser referido no espaço sócio-cultural de sua construção?, (vii) em que medida estratégias textuais específicas de construção de narrativas estão presentes no gênero lenda?

3. Análise

Embora nem todas estas questões possam ser respondidas no decorrer da análise aqui feita, elas podem contribuir para o entendimento do modo como o tópico é gerenciado no texto em foco, levando em conta as diversas formas de (re)categorização dos referentes e sua conexão com os procedimentos de caráter pragmático e sócio-discursivo envolvidos na sua construção.

Veja-se o corpus:

Aquele Troço

“Ele se transformava até num frango...”

1 A minha irmã estava mofina já, e de repente ela começou a ficar pálida. Ficando pálida...
 2 E ninguém sabia o que era. Mas deixa estar que...aí, a minha mãe começou a observar. E, de
 3 noite, tinha aquele troço que vinha... E começaram a prestar atenção. Viram quando ele
 4 chegava. Ele se transformava até num frango. Teve oportunidade assim: noite de luar, de
 5 virem quando ele entrava e parece que... depois que ele entrava, ele chegava lá com a menina,
 6 e adormece a pessoa e ele adormece e faz o que ele tem de fazer e vai. Só que aquela pessoa
 7 perde o equilíbrio: fica amarela, sem prazer, fica... Se não for cuidada, a pessoa morre e não
 8 leva muito tempo.
 9 E, aí, a mamãe quando viu que a menina estava desse jeito, ela procurou, assim por insistência
 10 das outras pessoas, que diziam que era: procurar saber o que era. Aí, para ela ter uma certeza
 11 positiva, ela foi lá. Nessa época tinha esse curador. Era muito bom: finado Vitório. Fomos lá.
 12 Aliás, ela levou ela lá e ele benzeu ela e disse que era bicho que estava usando ela. E era ele
 13 estava fazendo ela ficar daquele jeito. Se não cuidasse, com remédio que ele ia ensinar, era
 14 sujeito ela morrer.
 15 Ensinou um bocado de remédio. E ela chegou e começou a fazer defumações e outros
 16 remédios, banhos. Sei que ela ficou boa. Hoje em dia ela é uma senhora: mulher do senhor
 17 Sebastião Farias. Mas o bicho usou ela e ficou desse jeito. E tem acontecido muitos casos de
 18 boto, que a gente normalmente tem visto, tem observado.

De acordo com as questões já apresentadas, procuro verificar os modos através dos quais se dá a construção do referente boto. Segundo os processos requeridos na atividade textual e com algumas características mais gerais do gênero lenda, é possível verificarmos

algumas estratégias envolvidas na construção desse referente, as quais não se dão somente a partir de elementos presentes na superfície textual, mas também por meio de enquadres sócio-culturais, os quais não estão sempre indiciados nessa superfície.

Assim, na construção do referente, o narrador do texto em estudo se utiliza de expressões nominais definidas e indefinidas. Começando pela expressão *aquele troço* (linha 3), para caracterizar o personagem central da história, o narrador não nos coloca claro do que realmente se trata; observa-se aí uma estratégia ligada à memória sóciodiscursiva desse narrador ou a questões de enquadre sociocognitivo, que poderão favorecer o reconhecimento desse personagem. Mais adiante, o narrador retoma-o através do anafórico pronominal *ele* (linha 3), sendo que, logo depois, o referente é recategorizado na expressão nominal indefinida *um frango* (linha 4). Observa-se, nesse último caso, um processo de gradação do referente que está sendo recategorizado, que vai desde animais considerados mais “superiores” até o animal frango, que estaria numa mesma escala mais baixa dessa hierarquia.

Como se pode verificar, o referente é retomado várias vezes por pronominalização, no caso pelo pronome *ele*, que remete a *aquele troço* e a *um frango*. Desse modo, dentro da progressão textual o referente, relexicalizado pelo pronome *ele*, vem acompanhado por processos verbais que indicam uma seqüencialidade frástica, colaborando para a progressão textual, como em: *ele chegava, ele se transformava...* (linhas 3 e 4).

Quando da recategorização do referente a *minha irmã*, que antecipa o processo narrativo, observa-se que este é retomado através de expressões diferentes como: *menina* (linhas 5 e 9) e por *senhora* e *mulher* (linha 16); essas recategorizações estão relacionadas à própria progressão textual, na medida em que informações novas acerca do referente *menina* são acrescidas dentro do personagem narrativo, operando-se, aí, mudanças no modo como o narrador (re)qualifica a personagem no decorrer do desenvolvimento do tópico. Essa mesma personagem é também retomada por pronominalização, como no caso da expressão *aliás, ela levou ela lá...* (linha 12), em que o último *ela* da seqüência anaforiza *menina* e o primeiro refere à expressão nominal definida *a mamãe*. Desse modo, estratégias semântico-cognitivas implementadas dentro do próprio processo de textualização, tendo em conta, no caso, o significado do verbo *levar* dentro de ações contextualmente ou culturalmente situadas, conduzem-nos ao entendimento do elemento que é retomado pelo pronome. É o caso também de *ele*, em *ele benzeu ela* (linha 12), no qual a retomada se faz *a esse curador*, o que se dá em razão da própria atividade de *benzer*, dada pelo contexto discursivo e por estratégias pragmáticas de acessamento através do próprio cotexto.

O processo anafórico de ancoragem se dá no próprio cotexto a partir da renomeação da entidade principal que está sendo evocada, no caso aquela que constitui o tópico, e que, mesmo podendo ser ou não identificada de imediato em razão de questões de enquadres culturais e sociais aí embutidos, é renomeada ou referencializada através de diversas expressões nominais como: *aquele troço, um frango, bicho, o bicho*. Somente no final, o narrador anuncia que se trata do *boto*. No entanto, mesmo com esse processo de nomeação, não se tem claro ainda quem é na verdade o referente, já que sua identificação, no texto em questão, é dependente desses enquadres sociais e culturais mencionados.

Temos ainda, na narrativa, um caso de correferencialidade, no qual o referente *esse curador* (linha 11), é anaforizado diretamente pela expressão *finado Vitório* (linha 11), que *reedita e esclarece* o conteúdo da expressão anterior. Também a expressão *esse curador* tem a propriedade de sumarizar ou encapsular as informações precedentes relativas ao problema posto em questão: o envolvimento amoroso da menina com o boto e as conseqüências daí advindas. Mais adiante no texto, temos a expressão *aliás* (linha 12), com função parentética de explicar o que vem depois no processo narrativo: *ela levou ela lá e ele benzeu ela e disse que era bicho...*; esse operador textual possui também a propriedade de agregar, através de encapsulamento, informações novas no processo de progressão textual, tendo ao mesmo tempo a função de sumarizar o que já foi narrado anteriormente. Logo, esse marcador discursivo tem uma função tanto anafórico-sumarizadora quanto catafórico-parentética dentro do texto.

Expressões como *desse jeito* e *daquele jeito* (linhas 9 e 13 respectivamente) retomam *mofina, pálida*, sendo que estes elementos anaforizados indicam uma relação conseqüencial. Ainda no que se refere a *desse jeito* e *daquele jeito*, verifica-se que atuam como anáforas indiretas, tendo também uma propriedade rotuladora ou sumarizadora em relação às expressões que retomam. Nesse sentido, é possível dizer que tais expressões indicam uma atitude subjetiva do narrador em relação à personagem referenciada, uma espécie de ponto de vista em relação ao referente.

Temos também no texto proposições metaenunciativas que têm a propriedade de traduzir, do ponto de vista dialógico, várias enunciações. Assim, temos no texto expressões como: *Só que aquela pessoa perde o equilíbrio...*; *Se não for cuidada, a pessoa morre e não leva muito tempo*; *Se não cuidasse, com remédio...* (linhas 6,7,8 e 13); logo, enunciados, como estes, manifestam outros dizeres, outras “vozes”, as quais são evocadas dentro da narrativa, apontando para outros sentidos, tendo em vista também que, ao narrar, inserimos no

próprio discurso outros discursos já existentes e já construídos, dos quais nos apropriamos para “fazer valer” os nossos dizeres.

4. Conclusão

Com base nas análises realizadas e nas hipóteses inicialmente previstas, é possível afirmar que a construção do tópico e da referência, tendo em conta os procedimentos de recategorização, constituem estratégias ligadas às próprias condições de produção da narrativa em questão, como também associadas a lugares *sui generis* de produção de sentido, ou seja, a situações particulares de enquadre, ligadas a todo um conjunto de valores éticos, sociais e políticos em jogo, que não são únicos e monolíticos, mas, acima de tudo, heterogêneos, diferenciados e contrapostos. Isto concorre para certas características muito peculiares das histórias em estudo, que, como referido, não podem ser compreendidas mais amplamente se não levarmos em conta os fatores sociais, cognitivos e pragmáticos apontados.

De acordo com que os dados mostraram, a construção do referente boto em termos de recategorização evidencia uma certa imprevisibilidade no âmbito puramente textual, o que leva-nos a dizer que as várias recategorizações dessa entidade implicam contornos um tanto difusos se não as concebermos dentro de ações lingüisticamente situadas, as quais se estruturam de acordo com um conjunto de fatores sócio-interacionais mais ou menos previstos, que podem delimitar o modo como certas escolhas lingüísticas são realizadas e, conseqüentemente, a forma de interagirmos com certas (re)categorizações no bojo de uma série de entornos sociais e culturais.

Sob este olhar, o rumo a tomar a progressão tópica é um tanto dependente dos tipos de (re)categorização feitas pelo produtor textual. No caso específico das histórias em análise, as escolhas feitas no campo dessa (re)categorização incluem estratégias cognitivas singulares e diferentes contornos, os quais estão baseados em ancoragens extra-textuais, mas nem por isso extralingüísticas, pois, ao contar a lenda, o narrador engatilha em sua fala (discurso) enunciações pré-situadas e pré-configuradas no mundo ao qual está imerso. Seus modos de dizer prevêm escolhas não aleatórias; sendo, portanto, “autorizadas” por todo um conglomerado de interpretações (re)correntes nesse mundo biossocial, postas em ação na sua atividade de narrar, que também circunscreve os mais díspares procedimentos enunciativos; daí decorre uma certa instabilidade no que diz respeito às atividades de (re)categorização de referentes quando dos processos de textualização de narrativas orais populares, como é o caso das aqui preliminarmente estudadas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Richard. Contextualization, tradition, and the dialogue of genres: icelandic legends of the kraftaskáld. In.: DURANTI, Alessandro & GOODWIN, Charles. **Rethinking context: Language as an interactive phenomenon**. Cambridge University Press, 1991.

KOCH, I. G. V. A intertextualidade como critério de textualidade. In.: FÁVERO, L. L. e PASCHOAL, M. S. Z. (Orgs.). **Linguística textual: Texto e leitura**. São Paulo: EDUC, 1985, pp. 39-46 (Série Cadernos PUC, n.22).

_____. Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? **D.E.L.T.A.** 7, v.2, São Paulo, EDUC, 1991, PP.529-541.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. In.: KOCH & MORATO, E. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 41. Campinas: IEL/UNICAMP, 2001.

_____. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006 a.

_____. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2006 b.

KOCH, I.V., MORATO, E.M. & BENTES, A.C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, I., BENTES, A.C. & REZENDE, R.C. (Orgs.). **O tópico discursivo**, **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 48. Campinas: IEL/UNICAMP, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Referenciação e progressão tópica. In.: KOCH, BENTES & REZENDE, **Cadernos e Estudos Linguísticos**, n. 48(1). Campinas: IEL/UNICAMP, 2006.

_____. **Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007 a.

_____. **Fenômenos de Linguagem: Reflexões semânticas e discursivas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, b.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.